

**TÍTULO: REVISTA BRAZILEIRA, JORNAL DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES
(1895-1899) – INDEXAÇÃO E ANÁLISE DA QUARTA FASE DO PERIÓDICO.**

Daniel Essenine Takamatsu ARANTES
Orientadora: Profa. Dra. Orna Messer Levin

RESUMO: Este trabalho se dedicou à indexação do periódico *Revista Brasileira* (1895-1899) e à elaboração de um estudo introdutório. O procedimento de indexação teve por objetivo organizar e descrever – de acordo com normas específicas – todo o material publicado nessa fase da *Revista*, que constitui o *corpus* da pesquisa. Já o estudo introdutório procurou apresentar o grupo que se reuniu para a (re)fundação da revista e os assuntos nela abordados; a relação do periódico com a produção literária, sobretudo, no que diz respeito ao vínculo com a Academia Brasileira de Letras; as idéias estéticas, científicas, políticas e culturais da *Revista*; o importante papel que o periódico exerceu no final do século XIX na divulgação dos textos (contos, poesias, romances, peças de teatro) de autores como Machado de Assis e Coelho Neto.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Revista Brasileira; periódicos; século XIX; José Veríssimo.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto do projeto de iniciação científica “Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes (1895-1899) – indexação e análise da quarta fase do periódico”, que propôs a realização da indexação da quarta fase do periódico *Revista Brasileira*, bem como a redação de um estudo analítico introdutório.

O procedimento de indexação pretendeu organizar e descrever detalhadamente os volumes do referido período para facilitar sua consulta. Todo ele foi baseado nas normas de fichamento propostas pelo Professor José Aderaldo Castello¹ – utilizado também na formulação de índices classificados de publicações como a *Revista Antropofágica*² “com as devidas adaptações, dada a natureza do material. Para efeito de classificação, os textos foram analisados e separados de acordo com o gênero textual a que pertenciam (estudo, conto, poesia, peça teatral, outros mais). Feita a identificação dos gêneros, organizaram-se as seções de cada volume, conforme indica o organograma do primeiro volume indexado do periódico:

¹ NAPOLI, Roselis Oliveira (1970). *Lanterna Verde e o Modernismo*, São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.

² BOAVENTURA, Maria Eugenia (1985). *A Vanguarda Antropofágica*. São Paulo: Editora Ática.

Índice Classificado da *Revista Brasileira: jornal de ciencias, letras e artes.*

1. Revista Brasileira, ano 1, tomo I, janeiro/fevereiro/março de 1895, (392 p.).

1.1. Artigo de fundo

1.1.1. Artigo da Direcção. “A Revista Brasileira”. Apresenta os motivos da (re)fundação da nova fase da Revista; traz um breve histórico das fases anteriores, citando os nomes que colaboraram e os diretores do periódico; expõe os assuntos preferenciais que serão abordados pela publicação desta fase da Revista – preferência dada àqueles que dizem respeito ao Brasil. (pp. 1-3)

1.2. Conto

1.3. Estudos

1.4. Resenh

1.5. Peças de teatro

1.6. Novela

1.7. Outros

No estudo introdutório à *Revista*, buscou-se traçar um mapeamento dos principais motivos que a tornou uma das publicações mais relevantes do século XIX no Brasil. Foram examinados tanto os temas publicados na *Revista Brasileira*, quanto o papel exercido pelos seus colaboradores “suas idéias estéticas, científicas, sociais e culturais veiculadas através do periódico. De modo geral, o que se procurou foi investigar o papel exercido pela quarta fase da *Revista Brasileira* durante o tempo em que foi editada. Questões relevantes, que enriqueceram o estudo, foram igualmente verificadas como a identificação do grupo que se juntou a José Veríssimo para relançar a *Revista* e a análise de seu pensamento dominante; a relação entre o periódico e a produção literária do momento e seus vínculos com a Academia Brasileira de Letras.

2. Antecedentes no século XIX: fases, diretores e trajetória até a quarta fase da *Revista Brasileira.*

Em 1855, sob a direcção de Francisco de Paula Menezes, o periódico *Revista Brasileira* iniciava sua publicação. A *Revista* tornou-se conhecida desde o início pelas suas publicações de carácter científico e/ou cultural, privilegiando sempre a veiculação dos chamados “estudos” – semelhante ao que poderíamos chamar hoje de ensaio ou artigo científico. Todavia, não se furtou à publicação de textos acerca da política nacional, da sociedade brasileira e das artes, encontrando espaço ainda para as publicações literárias, que

aparecem em número razoável de vezes, praticamente em todas as suas fases. Entretanto, apesar de ter conquistado prestígio e renome, a trajetória do periódico foi irregular, e sofreu, por mais de uma vez, a interrupção de sua circulação. No século em que foi fundada, a *Revista Brasileira* contou com quatro fases; no posterior, outras cinco. Somente a partir da década de 1940 começou a gozar de certa estabilidade e publicação mais regular.³

Apesar de encontrar melhores condições de edição após quase cem anos de seu nascimento, foi no século XIX que a *Revista* talvez tenha alcançado seus melhores momentos, colocando-se ao lado de outras publicações renomadas da época. Nos períodos iniciais, sobretudo, em sua terceira e quarta fase, conquistou a colaboração de nomes célebres do cenário intelectual brasileiro, além da publicação de textos que viriam a se consagrar em pouco tempo. Durante esses dois períodos, reuniram-se ao seu redor figuras como Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Nina Rodrigues, Sacramento Blake e Said Ali, e encontramos em suas páginas algumas das mais importantes publicações brasileiras, como o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que veio à luz na terceira fase do periódico.

Contudo, embora tenham muitos colaboradores em comum, a terceira e quarta fase distinguem-se em alguns aspectos. Até 1895, a *Revista* não havia proposto “pelo menos de maneira declarada” a preferência ou interesse por assuntos específicos. O período comandado por Veríssimo difere-se por ser o primeiro a pronunciar abertamente que estimularia as belas-letas brasileiras e daria preferência aos assuntos nacionais em seu Artigo de Fundo: “A nova revista tratará todos os assumptos e questões que possam interessar a maioria do publico. O Brasil e as cousas brasileiras merecer-lhe-ão carinhosa preferência, sem sacrificio, entretanto, da indagação e estudo de quanto do estrangeiro nos possa também interessar”⁴.

Com efeito, o período dirigido pelo crítico José Veríssimo teve relativo sucesso em sua proposição. Não são escassas as publicações que preferiam os assuntos nacionais; menos raras ainda, são as publicações literárias interessadas pelos temas locais, que foram largamente editadas pelo periódico.

Sobre a relação entre a *Revista* e a produção literária brasileira daquele momento, algumas particularidades merecem ser ressaltadas. Além da preferência pelas produções que privilegiassem os assuntos brasileiros, o periódico editou uma grande quantidade de textos literários durante a quarta fase. Dessa forma, podemos crer que o incentivo da *Revista* às belas-letas locais se constituiu através do espaço reservado em suas páginas à produção dos literatos nacionais, além de sua predileção por determinados temas. Outro aspecto importante dessa relação com a literatura local foi o papel que desempenhou na fundação da Academia Brasileira de Letras, nascida dentro da redação do periódico.

³ A primeira fase do periódico transcorreu durante o ano de 1855. A publicação anunciava-se quinzenal, mas contou com a publicação de um fascículo apenas. Em 1857, Candido Baptista de Oliveira voltou a editar a *Revista Brasileira* e a comandou até 1861. No ano de 1879 foi retomada sua publicação pelas mãos de Nicolau Midosi, que se encerrou em 1881. Em 1895, iniciou-se a quarta fase, editada até 1899. Após o período sob a direção de José Veríssimo, a *Revista Brasileira* só retornaria nos anos de 1934 e 1935, com Baptista Pereira. Os períodos seguintes datam de 1941 a 1948 e de 1958 a 1966, ambos dirigidos por Levi Carneiro e já editados pela Academia Brasileira de Letras. A publicação retornou a lume em 1975, sendo distribuída até o ano de 1980, sob o comando de Josué Montello. A *Revista Brasileira* continua a circular até hoje, sendo publicada, sob a direção de João de Scatimburgo, desde 1994.

⁴ *Revista Brasileira (1895)*, n.1.

3. A ‘fase Veríssimo’ da *Revista Brasileira*: ciências, letras, artes e política.

Refundada em meados da década de 1890, a quarta fase, também chamada de ‘fase Veríssimo’, durou até o ano de 1899. Publicado em fascículos, o periódico era formado por longas seções – a maioria delas contando com dez páginas ou mais –, sem divisões específicas (exceção feita a algumas seções mais ou menos fixas)⁵ e sem qualquer tipo de ilustração. Durante o tempo em que foi editada, a *Revista* propôs o debate das principais questões científicas, políticas, sociais e culturais do momento. Mesmo assim, a preocupação com as artes não foi preterida; pelo contrário, é uma das fases que mais privilegiou os estudos sobre o campo artístico.

Nas ciências, encontramos desde estudos sobre Gramática, Direito, Geografia, Sociologia, Química, História, Antropologia, Física, Engenharia, até os de Psiquiatria e Psicologia, com assuntos relativamente novos, à época, no País. Aparecem ainda as publicações de cunho filosófico. O próprio José Veríssimo, em algumas oportunidades, divulgou alguns de seus estudos no campo, como o intitulado “O Positivismo no Brasil”⁶, nas páginas da *Revista*. Os estudos voltados para as Artes constam da mesma forma, sobretudo, os de literatura. Todavia, a abordagem dos assuntos científicos, filosóficos e artísticos não foi preocupação exclusiva do periódico, que também procurou refletir sobre os acontecimentos políticos e sociais da época.

Os anos que compreendem esta fase da *Revista Brasileira* foram de intensas mudanças no País. Reeditada cinco anos após a Proclamação da República e sete após a Abolição, a publicação se insere no contexto das agitações políticas, sociais e econômicas da recém-nascida República, que passava pelo seu primeiro mandato de um presidente civil “Prudente de Moraes”, que herdou turbulências vindas do governo anterior de Floriano Peixoto. No Artigo de Fundo, o periódico mostrava consciência sobre o momento em que era refundado, dando destaque para algumas questões que deveriam ser postas no centro das discussões intelectuais: “Este período é em nossa vida nacional de reorganização política e social. A *Revista Brasileira* não lhe pôde ficar alheia e estranha. As questões constitucionais, jurídicas, econômicas, políticas e sociais em summa, que nos ocupam e preocupam a todos, terão um lugar nas suas páginas.”⁷

De fato, a *Revista Brasileira* aparenta não ter ignorado essas questões. Assim, logo no primeiro estudo publicado, assinado por Medeiros e Albuquerque, intitulado “Federação e República”⁸, surge a discussão sobre o federalismo e o republicanismo no Brasil, temas evidentemente relacionados ao contexto do decênio de 1890. Alguns meses depois dessa publicação, a *Revista* dedicou uma seção à apresentação das respostas dadas à indagação encaminhada pela publicação a diversos intelectuais a respeito da Revolução Federalista⁹,

⁵ As únicas seções que aparecem constantemente na publicação são: “Bibliographia”, que consistia na apresentação de resenhas; “Notas e Observações”, trazendo normalmente alguma correspondência enviada para o periódico; “Noticias de Sciencias, Letras e Artes”, reservada às informações sobre determinados eventos, como a inauguração de museus, por exemplo; “Livros e Folhetos”, na qual eram anunciados os livros publicados pelas principais editoras. Essas são as mais constantes, levando em conta todos os anos em que a *Revista Brasileira* foi editada. Outras seções aparecem na mesma condição, a partir do seu segundo ano de publicação, mas sem a mesma presença, como são os casos de “A Política”, assinada por Ferreira de Araújo, “Revista Científica”, Luis Cruis, e “A Quinzena”.

⁶ *Revista Brasileira* (1895), op. cit., n. 2.

⁷ *Revista Brasileira* (1895), op. cit., n. 1.

⁸ Idem.

⁹ *Revista Brasileira* (1895), op. cit., n. 2.

mostrando estar disposta a abordar os temas políticos e sociais. Entretanto, abordar as questões pertinentes àquele momento igualmente significava tomar posição frente a elas, emitindo opiniões, defendendo ou atacando pontos de vista divergentes, correndo-se o risco de entrar em confrontos mais ríspidos, o que parece não ter interessado à direção do periódico. Para tratar de problemas controversos, sem gerar polêmicas, restava a *Revista* encontrar um tom capaz de evitar polêmicas, propor o diálogo e a conciliação entre diversas partes, sem refutar o seu apoio ao regime que vigorava: “Republicana, mas profundamente liberal, aceita e admite todas as controversias que não se achem em completo antagonismo com a inspiração da sua direção. Em Política, em Philosophia, em Arte não pertence a nenhum partido, a nenhum systema, a nenhuma escola. Pretende simplesmente ser uma tribuna onde todos os que tenham alguma cousa a dizer e saibam dizel-a, possam livremente se manifestar.”¹⁰

Conservar tom e se afastar das polêmicas não era tarefa das mais fáceis naquele momento para a publicação, exigindo da *Revista* certa habilidade para se contornar o problema. Uma das soluções encontradas para a manutenção de suas aspirações esteve no seu interesse pelos assuntos jurídicos e constitucionais, largamente debatido em suas páginas. No primeiro ano de edição da *Revista* estão contabilizados quatorze seções relacionados à jurisprudência e a Constituição. Dentro desses estudos, encontram-se alguns dos mais controversos temas que poderiam dar um tom mais inflamado ao debate. Ao abordar esses problemas sob a ótica do campo das leis e da Constituição, os escritos focavam essencialmente os aspectos técnicos e jurídicos, e, assim, nenhum deles trazia opiniões mais inflamadas ou polêmicas e, concomitantemente, abordavam os problemas políticos e sociais do momento.

A seção intitulada “A Questão do Rio Grande”¹¹ pode ilustrar bem o caráter “técnico” que parte dos textos traziam consigo. Nela, foram publicadas as respostas a seguinte pergunta: “Quaes são, ou vos parecem, perguntamos nós, os meios de nos limites da Constituição e das leis, resolver a chamada ‘questão do Rio Grande’?”. Os que se propuseram a responder a interrogação tiveram para apoiar suas idéias somente o aspecto técnico da Constituição; qualquer resposta que buscasse outros elementos distantes do campo das leis já não atenderia a pergunta. Quase o mesmo ocorre com o já citado estudo de Medeiros e Albuquerque, que procurou abordar os aspectos constitucionais, sem exaltar a defesa ou ataque a determinado sistema político. Em ambos os casos, o debate acabou, de certa maneira, engessado pelo direcionamento ao campo das leis, impedindo a colocação de outras questões:

“Também a questão da despolitização aparecia [na *Revista Brasileira*], tal qual viria a ocorrer na Academia. Embora, como já foi frisado, evitasse os partidarismos e minimizasse as questões políticas, encobrindo-as sob a capa de artigos jurídicos, ficava claro que tais artigos eram movidos pela conjuntura dos anos entre 1895 e 1897, ao mesmo tempo em que se posicionavam no campo republicano mais moderado, que queria evitar uma volta à monarquia, mas também eliminar a influência militarista e jacobina nos rumos do regime, ou seja, profundamente enraizada no ambiente político da época, a revista procurava se mostrar neutra e até mesmo despolitizada, a partir do momento em que recusava a idéia de que suas contribuições pudessem ter algum cunho partidário – quando, evidentemente, tinham-no. Moderadas e conciliadoras, mas o tinham.”¹²

¹⁰ *Revista Brasileira* (1895), op. cit., n. 1.

¹¹ *Revista Brasileira* (1895), op. cit., n. 2.

¹² RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza (2001). *A dança das cadeiras – literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Editora da Unicamp. p. 39.

Mesmo outros textos que não possuíam esse aspecto “técnico” não abriam prerrogativas para polêmicas, como o estudo do Major Pedro Ivo acerca da instrução militar do Brasil, no qual reclama da precariedade em que se encontrava boa parte das estruturas e da organização do exército. Logo no início, encontramos a seguinte afirmação, indicativa das características do estudo: “Não vamos aqui fazer crítica política, vamos, ao contrario, tratar de um assumpto profissional”¹³. Esta é a menção com conotação mais política no texto do militar. O restante do texto preocupa-se apenas com os apontamentos gerais sobre o assunto, sem entrar nos méritos de outras questões. Tal qual ocorre em seções estritamente reservadas à política – como a assinada por Ferreira de Araújo¹⁴ –, nas quais não há indícios de que o tratamento aos assuntos mais polêmicos fosse mudado ou contrariasse a posição da *Revista*.

4. Literatura e Imprensa: a *Revista Brasileira*, a literatura local e a fundação da Academia Brasileira de Letras.

Dentre a grande variedade de assuntos abordados, a quarta fase da *Revista Brasileira* encontrou espaço ainda para os textos literários. Observando suas páginas, encontramos uma quantidade razoável de textos literários e de resenhas e estudos sobre literatura, indicando forte tendência do periódico em privilegiar esse campo. Além disso, a *Revista* reuniu em sua redação um grupo de críticos e literatos de grande prestígio: Coelho Neto, Visconde de Taunay, Arthur Azevedo, Alphonsus de Guimarães, Raimundo Correia, Valentim Magalhães, Afonso Arinos, João Ribeiro, Araripe Júnior, Sílvio Romero, além do já citado Machado de Assis, são alguns dos nomes que colaboram com a *Revista Brasileira* durante a década de 1890. Contou também com a publicação de textos inéditos de nomes importantes da literatura brasileira, como José de Alencar, Raul Pompéia, Cláudio Manoel da Costa e Manuel de Oliveira Paiva. Dessa maneira, o periódico tornou-se uma espécie de ponto de convergência e circulação da produção literária do período.

Nos estudos de literatura, podemos notar uma divisão quanto aos assuntos: parte deles é dedicada a autores específicos e outra parte destinada ao exame de determinados aspectos literários. No primeiro caso, podemos destacar importantes escritos, que contribuíram para a crítica literária local, resgatando a trajetória de importantes literatos, como “Machado de Assis”, de Araripe Júnior, “Martins Penna”, de Sílvio Romero, e “Cláudio Manoel da Costa”, de Ramiz Galvão.¹⁵ Já os estudos dedicados aos aspectos literários, normalmente, resultam de trabalhos que discorrem sobre um componente específico, como, por exemplo, a estética literária. Dentro desses textos, está “Esthetica de Pöe”¹⁶, de Araripe Júnior, publicado em vários volumes da *Revista*. Nesses casos, podemos notar ainda a forte influência da crítica literária que prezava unicamente pela análise estética das obras, distanciando-se dos estudos que procuravam colocar as manifestações literárias em conjunto com o contexto. Fora desses dois pólos, aparecem ainda outros tipos de estudos (por exemplo, o estudo sobre o teatro hindu de Feliciano Gonzaga) e alguns escritos que se

¹³ *Revista Brasileira* (1895), op. cit., n. 3.

¹⁴ *Revista Brasileira* (1895), op. cit., n. 5.

¹⁵ *Revista Brasileira* (1895; 1897), op. cit., n. 1, 2 e 10.

¹⁶ *Revista Brasileira* (1895; 1896; 1897), op. cit., n. 1, 2, 5, 6, 11 e 12.

assemelham à resenha, ou seja, dedicados apenas a um livro de determinado autor.¹⁷

Além dos estudos literários, consta outra importante seção intitulada “Bibliographia”, reservada exclusivamente para a publicação de resenhas de diversos livros, incluindo os de relacionados à literatura, e para a divulgação dos prelos de editoras e de lançamentos de outros periódicos nacionais. Nela aparece a opinião crítica sobre obras de autores como Rodrigo Otávio (que publicou uma peça de teatro de sua autoria no periódico), Araripe Júnior, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Basílio da Gama, Machado de Assis, Afonso Celso, entre outros. A seção conta com a participação de figuras como Visconde de Taunay e outras personalidades que se manifestaram naquele espaço. Porém, a maioria das resenhas era assinada por José Veríssimo e podemos acompanhar parte significativa da opinião do crítico paraense sobre a produção literária brasileira ao final do século XIX. Algumas desses escritos foram favoráveis aos autores, mesmo fazendo ressalvas, muitas vezes, sobre o estilo ou o enredo do livro; outras criticaram mais severamente os livros dos quais se ocupavam. Em determinadas ocasiões, as resenhas chegaram a ser direcionadas aos próprios colaboradores da *Revista Brasileira* “o livro *O Encilhamento*, de Visconde de Taunay, e a peça teatral *Sonhos Funestos*, de Rodrigo Otávio, aprovados pelo diretor da publicação.

Além de ser diretor da *Revista*, responsável pela seção “Bibliographia” e contribuir eventualmente com alguns estudos, José Veríssimo teve influência direta na seleção de alguns textos publicados. A crônica “O Velho Senado”, de Machado de Assis, publicada em junho de 1898¹⁸, e os primeiros capítulos do livro, ainda inédito, de Manuel de Oliveira Paiva, *Dona Guidinha do Poço*, que só viria a ser recuperado quase sessenta anos depois, foram apresentados pelo periódico a mando do crítico.¹⁹

Naturalmente, a influência de José Veríssimo era grande na linha editorial da *Revista*. Assim, procurou privilegiar razoável número de autores e quase todos os tipos de textos literários “ contos, novelas, romances, crônicas, poesias, peças de teatro e traduções de obras estrangeiras. Contudo, se não houve predileção em relação aos gêneros textuais, podemos apontar a preferência pela publicação de textos com certas afinidades, no que diz respeito à construção de certos tipos de personagens e ambientes, que remetem o leitor a uma paisagem local. Essas afinidades de temas, personagens e cenários aparecem principalmente nos textos em prosa. O escritor Afonso Arinos, por exemplo, trouxe a público quatro contos com temáticas semelhantes durante os anos em que colaborou. Dentre eles podemos destacar “Pedro Barqueiro”, no qual a ação se passa na região do rio São Francisco e de Caririnha, e “Joaquim Mironga”, narrado por um sertanista, que relata os conflitos armados entre seu antigo patrão fazendeiro e um coronel da polícia local.²⁰ Estes dois contos mais tarde seriam publicados no livro *Pelo Sertão* e aproximam-se bastante da dicção naturalista-regionalista do final do século XIX.

¹⁷ *Revista Brasileira* (1895; 1897), op. cit., n. 2, 3, 4 e 10.

¹⁸ *Revista Brasileira* (1898), op. cit., n. 14.

¹⁹ A respeito da publicação do romance de Oliveira Paiva na *Revista Brasileira*, Lúcia Miguel-Pereira, no prefácio que fez para a edição de *Dona Guidinha do Poço*, relata-nos o seguinte episódio: “Foi Antonio Sales quem forneceu a José Veríssimo uma cópia de D. Guidinha do Poço, para ser publicada na ‘Revista Brasileira’: indo, já fixado no Rio, visitar o Ceará, lá recebera o livro da viúva de Olivera Paiva, e só então lhe percebera o valor. Afinal surgiria no Rio a novela, lançada por uma revista da grande autoridade, com a nota elogiosa da qual foram extraídas as citações aqui feitas. Mas, ao cabo de quatro números antes de terminar a narrativa, que se acabou, inopinadamente, foi a ‘Revista Brasileira’.” Ver em: PAIVA, Manuel de Oliveira (1965). *Dona Guidinha do Poço*, Edições de Ouro, Rio de Janeiro, p. 9.

²⁰ *Revista Brasileira* (1895), op. cit., n. 1e 3.

Os textos em prosa publicados pela *Revista* nos mostram certa inclinação por esses temas de cunho local. As novelas “A Tapera”, de Coelho Neto, e “Bodas de Sangue”, de Rodrigo Otávio, e o conto “Uma Escrava”, de Magalhães de Azeredo, por exemplo, apresentam o cenário rural como elemento de composição dos enredos. Juntamente com essa paisagem, surgem construções de personagens locais: os empregados e capangas das grandes propriedades rurais, os mascates, o senhor de engenho ou fazendeiro, o escravo, os sertanistas, entre outros. Nesse sentido, a publicação do romance *Dona Guidinha do Poço* é igualmente significativa, pois reforça o interesse do periódico pelo “Brasil e as cousas brasileiras”, sobretudo pelo país ainda agrário, de fortes vínculos com o passado de nossa colonização. No romance de Oliveira Paiva, em que está recriado um “pequeno mas concentrado mundo de interações morais”²¹ do latifúndio nordestino, notamos um forte apelo regional, caracterizado pelos diálogos das personagens, marcados sobremaneira pela oralidade. Sobre o romance e as tendências regionalistas daquele final de século, Lúcia Miguel-Pereira pontua:

“Será por tudo isso que, em fins, do século passado, sentiram três jovens escritores a necessidade de fixar os hábitos, o feito e a linguagem da parte da população ainda resguardada de influências estranhas – a roceira? A coincidência de, sem comunicação uns com os outros, ignorando-se, ao contrário, terem começado a escrever, no mesmo momento e no mesmo sentido, Manoel de Oliveira Paiva no Ceará, Afonso Arinos em Minas e Valdomiro Silveira em São Paulo, permite supor que hajam obedecido a impulso semelhante, de ordem tanto literária quanto social. Reatavam sem dúvida a tradição de José de Alencar, de Taunay e de tantos autores de ‘romances brasileiros’, como então se dissera, mais apoiados porém na observação, procurando mais diretamente recompor costumes e expressões peculiares. Era, afinal, depois do indianismo e do brasileirismo, o regionalismo que surgia, não como movimento consciente, antes espontânea e surdamente.”²²

Raros são os textos que não se enquadram nesse perfil “ como o caso excêntrico do conto “Flor de Lótus”, de Raimundo Correia, que se passa na Índia, ou ainda, a tradução feita por Arthur Azevedo da peça de Molière “A Escola de Maridos” “, prevalecendo, portanto, os textos que fazem referência aos ambientes e tipos nacionais. Mesmo em produções opostas à prosa (as peças de teatro e a poesia), a abordagem de temas, personagens e cenários locais é freqüente “ as peças de teatro de Rodrigo Otávio e de José de Alencar servem como exemplos expressivos. Além disso, houve nas páginas da *Revista Brasileira* outra preocupação, que também concorre ao tratamento de temas ligados ao País: a recuperação de autores que dispunham de uma identificação nacionalista, como ocorreu com José de Alencar e Cláudio Manoel da Costa. Ambos os autores, ao lado de Martins Pena, foram recuperados através da publicação de obras inéditas ou estudos sobre suas produções. Todos esses elementos contribuíram para o incentivo às belas-letas nacionais e a predileção pelos assuntos brasileiros, como desejava a *Revista*. A respeito disso, Ana Luiza Martins pontua:

²¹ BOSI, Alfredo (1975). “Capítulo V: O Realismo”. In: *História Concisa da Literatura no Brasil*, op. cit. p. 219.

²² PAIVA, Manuel de Oliveira (1965). *Dona Guidinha do Poço*, op. cit., p. 13.

“Seria apenas na quarta fase, de 1895 a 1899, com direção de José Veríssimo, que se pronunciaria o propósito explícito de incentivo às letras nacionais. [...] Alternativa para literatos se colocarem em letra impressa, a *Revista Brasileira* resultava em verdadeira biblioteca antológica da produção literária e cultural do País, sobretudo se tomada na seqüência de suas demais fases. Corolário das tantas reflexões sobre o nacional que pontuaram nosso periodismo, sinalizava a luta latente contra a imposição de valores alienígenas.”²³

Se o interesse pelos assuntos brasileiros estava satisfeito pelos temas e afinidades que encontramos nos textos literários veiculados pelo periódico, podemos considerar que o incentivo à produção das belas-letras foi atendido pelo volume de publicações encontradas durante o período dirigido por José Veríssimo. A quarta fase da *Revista Brasileira* publicou mais de cinquenta textos literários diferentes ao longo dos seus quatro anos, quantidade considerável levando em conta todos os fascículos do período. Se incluirmos as resenhas e os estudos voltados para a literatura o número toma proporções ainda maiores. Das quatro primeiras fases da *Revista*, foi o que mais se dedicou à literatura, ao lado da ‘fase Midosi’. Não obstante, a relação entre o periódico e a literatura local não esteve reduzida apenas a oportunidade de colocação na imprensa dada pela *Revista* aos diversos literatos e críticos, ou pelo o escoamento de parte da produção literária nacional em suas páginas. A *Revista Brasileira* teve importante papel na criação da instituição de maior relevância para a literatura brasileira naquele final de século, a Academia Brasileira de Letras.

Grande parte dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, antes mesmo da fundação do instituto em 1896, já havia contribuído com periódico. Dos quarenta nomes iniciais, vinte e cinco tiveram alguma publicação na ‘fase Veríssimo’, incluindo Lúcio de Mendonça, principal responsável pelo projeto de criação. Ao que tudo indica, a reunião do grupo de idealizadores da instituição em um ambiente comum – a redação da *Revista Brasileira* – foi uma das principais molas para que o projeto pudesse deslanchar. Antes disso, algumas tentativas de criação da Academia e de grêmios literários já haviam fracassado. Em 1892, um dos colaboradores mais assíduos do periódico, Araripe Júnior, havia criado em conjunto com Raul Pompéia, um clube literário chamado Rabelais, convidando Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Visconde de Taunay para fazer parte da agremiação. Entretanto, os três recusaram o convite e o clube literário não resistiu à falta de apoio, exaurindo-se pouco tempo depois. Em 1887, chegou a ser fundado no Rio de Janeiro o Grêmio de Letras e Artes, que, a despeito da participação de futuros membros da Academia, não vingou. Medeiros e Albuquerque, outro importante nome da fundação da do instituto criado dentro da redação da *Revista*, também havia malogrado na tentativa de criação de uma instituição literária dois anos antes de Pompéia e Araripe Júnior. É somente a partir da (re)fundação da *Revista Brasileira* “ com seus famosos jantares, em que se reuniam importantes figuras da intelectualidade brasileira, comentados por Machado em suas crônicas para o jornal *A Semana* em algumas oportunidades²⁴ “ que a idéia tomou contornos mais sólidos e se criou condições mais propícias para a execução do projeto. Inspirada nos modelos da Academia Francesa, o projeto de Lúcio de Mendonça contou com o consentimento e envolvimento de Machado de Assis para que a criação da instituição se concretizasse.

²³ MARTINS, Ana Luiza (2001). “A Palavra Re[vista]” In: *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*, p. 66.

²⁴ ASSIS, Machado de (1994). *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Aguilar. 3v.

Posto em movimento o início da criação da Academia e contando com o importante apoio do autor de *Memórias Póstumas*, a seleção dos nomes que comporiam a instituição foi a etapa seguinte do processo. De início, foram eleitas trinta figuras e, posteriormente, outros dez foram escolhidos pelos trinta primeiros, chegando assim aos quarenta membros do quadro fixo inicial – o mesmo número da Academia Francesa.

Criado o instituto e selecionado os membros, a relação entre a *Revista* e a instituição acabou se aprofundando mais: durante os primeiros anos de vida, a Academia Brasileira de Letras realizava suas sessões nas salas da redação da *Revista Brasileira*.²⁵ Em 15 de dezembro de 1896, nas dependências da *Revista*, realizava-se a primeira sessão da instituição, elegendo Machado de Assis como seu presidente, Joaquim Nabuco como secretário-geral e Rodrigo Otávio para o cargo de primeiro secretário, formando a primeira diretoria do instituto. Alguns meses depois, já no ano seguinte, o periódico dedicava um fascículo para a reprodução dos discursos de abertura da diretoria da sessão inaugural da instituição.²⁶

5. Considerações Finais

Após a publicação dos discursos da sessão inaugural, a *Revista Brasileira* circulou ainda por volta de dois anos, até encerrar suas atividades no ano de 1899. Entretanto, naquela altura no ano de 1897, o periódico já contava com prestígio e renome. Ao avaliarmos seu papel para a imprensa e a intelectualidade brasileira do final do século XIX, podemos aferir sua importância para a propagação de ensaios de caráter científico, bem como meio para os escritores se manifestarem durante a década de 1890, além de importante personagem na criação da Academia Brasileira de Letras. Voltada para os assuntos nacionais, a quarta fase da *Revista* conseguiu destaque ao consolidar o nome do periódico na história da imprensa do Brasil, mantendo a tradição estabelecida pelas fases antecessoras, reunindo um grupo seletivo da intelectualidade brasileira e publicando importantes textos. Dessa forma, constatamos a formação de um grande complexo cultural, que ao ser analisado nos revela diversas informações sobre o momento e o contexto em que estava imersa durante seu período de publicação.

Bibliografia

Revistas consultadas

REVISTA BRAZILEIRA (1895-1899). Rio de Janeiro.

Livros consultados

ASSIS, Machado de (1994). *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Editora Aguilar. 3 v.

BOAVENTURA, Maria Eugenia (1985). *A Vanguarda Antropofágica*. São Paulo: Editora Ática.

²⁵ MOTELLO, Josué (1986). *O Presidente Machado de Assis nos papéis e relíquias da Academia Brasileira*, op. cit., p. 20-22.

²⁶ *Revista Brasileira (1897)*, op. cit., n. 11.

- BOSI, Alfredo (1975). *História Concisa da Literatura no Brasil*. São Paulo: Editora Cultrix.
- CÂNDIDO, Antônio (1988). *O método crítico de Sílvio Romero*, São Paulo: Edusp.
- CARA, Salete de Almeida (org.); JUNIOR, Benjamin Abdala (org.) (2006). *Moderno de Nascimento: Figurações Críticas do Brasil*. São Paulo: Editora Boitempo.
- DOYLE, Plínio *et alii* (1995). *História de Revistas e Jornais Literário*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa. 2 v.
- MARTINS, Ana Luiza (2001). *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo:Edusp.
- MOTELLO, Josué (1986). *O Presidente Machado de Assis nos papeis e relíquias da Academia Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição.
- NAPOLI, Roselis Oliveira (1970). *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros.
- PAIVA, Manuel de Oliveira (1965). *Dona Guidinha do Poço*, Rio de Janeiro: Edições de Ouro.
- RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza (2001). *A dança das cadeiras – literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*. Campinas: Editora da Unicamp.
- SODRÉ, Nelson Werneck (1998). *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 4ª Edição.